

1898

MAR

# Grênça & Letras

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

4.<sup>a</sup> SE. 1E

N.º 4

P.<sup>o</sup> Antonio Hermeno

Assignatura: Quinhentos réis por anno

## SUMMARIO

Cathecismos, *Bruno d'Almeida* — *Benedetta*,  
*Mattos Ferreira* — A dor, *R. P. Fontinha*  
— Cantico do mez de Maria, *D. F.* — Glo-  
rioso espirito!, *Padre Antonio Hermeno* —  
*Letras, Antunes.*

REDACÇÃO

COLLEGIO DE S. DAMASO

GUIMARÃES

## A' IMPRENSA

Alguns jornaes deram elogiosa noticia do n.º 3 da *Crença & Letras* e transcreveram o summario. Entre elles lembram-nos agora o *Primeiro de Janeiro*, a *Aurora do Cavado*, a *Lagrima*, o *Desforço*, o *Minho*, a *Gazeta do Minho*, o *Commercio de Guimarães*, etc. Agradecemos o favor e pedimos a continuação d'elle.

### Lições de bem falar

AOS COLLEGIAES

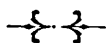
#### ERRATAS

(Continuação)

INCORRECÇÕES	EMENDAS
Recorda-me de haver	Recordo-me de haver ou Recorda-me haver
Convencer que...	Convencer de que...
Estar certo que...	Estar certo de que...
Pedir para fazer	Pedir que fizesse
Categoria	Categoria
Theor	Teór
Sachristão	Sacristão
Abdicar d'alguma coisa	Abdicar de si alguma coisa
Amor pelas letras	Amor às letras
Ter ouvido (pleb.)	Ter ouvido
Recear por alguém	Receiar a respeito d'alguem
Fazer musica (gal).	Tocar musica
De fôrma a poderem	De fôrma que pudessem
Bem pouco	Muito pouco
Costumes	Trajes
Gerbas de luz	Feixes de luz
Entraves	Obstaculos
Que tenha saude	Tenha saude
Soirée	Sarau
Nuança	Matiz, meias tintas.
De resto	Quanto ao mais
Estar ao facto de	Conhecer como as palmas das mãos
Abordar...	Acerca-se de...
Carnagem	Matança
Chic, bijou	Elegante, distincto
Tocar a retreta	Tocar a recolher

N. B. — Na lição anterior passou peravilho por peralvilho.

A. A.



### Educação e ensino

O pedagogista Mr. Brath diz que, nos collegios, muito importam á conservação da saude e á pureza dos costumes, os banhos frios, a agitação nas horas de recreio, os jogos, a gymnastica, etc.

Não é novidade isto, mas é sempre grato ver as boas opiniões, apoiadas por homens de auctoridade indiscutivel. Todavia ha familias que recommendam aos seus filhos que não brinquem, não corram, não saltem, etc., com ridiculos pretextos de economia ou de perigos hypotheticos. E' um erro crasso: o robustecimento vale bem esses pequenos perigos ou futilidades.

O mesmo auctor é de opinião que as aulas não excedam uma hora, cada uma, e se dividam em quatro partes: a) *Preparação* ou breve razão d'ordem para avivar e relacionar os conhecimentos previos; b) *Explicação* da lição nova, feita pelo professor, durante cerca de vinte minutos; c) *Associação* que consiste em o estudante, com o auxilio do mestre, expôr, por palavras suas, a lição nova que acaba de ouvir; d) *Formulação* em que o professor repete, em resumo ou synthese definitiva e clara, a mesma lição. O

resto do tempo destina-o a repisar a *associação* com os discípulos menos habeis. E' de notar que tal methodo não diz com o antiquado e rotineiramente seguido entre nós, mas harmonisa com o espirito da nova reforma e *suavisa* a aprendizagem.

Fazendo o confronto entre o velho e moderno systema de educar admira-se outro pedagogista, Mr. Watkinson, de quanto tem sido *facil e util* em Inglaterra substituir o terrifico arsenal dos velhos castigos, pelo premio e pelo estimulo moral. A evolução ainda que lenta, vae-se fazendo tambem entre nós. Bom é.

De que modo se deve lêr ? interessando só a vista ou a vista e o ouvido ? baixo ou alto ? e, se baixo, movendo os labios ou só mentalmente ? e depressa ou devagar ?

Do arrasoado que, acerca de tal questão, me informa, concluo que, para a *percepção* do trecho lido, mais vale interessar *só a vista* do que lêr alto, e melhor é lêr *só mentalmente e depressa*. A pronuncia cança e dissipa a attenção e o vagar embarga a prompta intuição. Se porém tivermos em mira desenvolver e aperfeiçoar a *pronuncia* (o que para muitos se prova muito necessario) então, claro é que preferiremos a leitura vocal e pausada.

H. .

---

## NO COLLEGIO

Na vida pautada e igual d'um collegio, raro ha com que compôr uma pequena chronica e então, neste lance d'hoje, nem fallemos! não ha quasi nada! Todavia urge dizer qualquer coisa que não venha precisamente da phantasia. Vamos a isso.

## Os distinctos

— Antes de ferias, fins de março, houve a sabida leitura de notas, de que muitos gostam e de que alguns embirram, lá sabem porque. Vamos fazer o arrolamento dos *distinctos*, tarefa que sempre nos agrada. Escrever-lhes aqui os nomes é como sentir o prazer de os abraçar.—

**Distincção em comportamento, aulas e applicação** — Adolpho Cunha, Alfredo Monteiro, Amândio Freitas, Alberto Cruz e Alves Ferreira.

**Comportamento e applicação** — C. Leão, L. Telles, A. Peixoto, Alves Moreira, Peixoto d'Azedo, Gonçalo Faria, Alvaro Lemos, Barroso, J. M. Vasconcellos, Adelinio Rebello, A. Azevedo, Cypriano, Elias, Henriques, Salgueiro, A. Faria, S. Pereira, J. Miranda, Montenegro, Sampaio e Castro.

**Comportamento** — J. Ferreira, Maltez, M. d'Oliveira, Cardoso, M. Santos, Rodolpho, A. Santos, Jeronymo Almeida, J. Lemos, Pedro A., Cameilo, Gomes, Viannas, Pinheiro, Sepulveda, Nelson, Alves, Santiago, Americo, Arnaldo L., Lobo, Nascimento, Milheiro, Aurelio, H. Miranda, M. de Sousa, M. Lopes, Cautella, Emilio, Lourival, Almeidas, Norberto.

**Applicação.** — Meirelles, Rebello, Eurico, Balthazar, J. Telles e Aguilar.

**Aulas**—Amilcar, M. Martins, Arthur Freitas, Jacintho Basto, M. J. F. Azevedo, Abrahão, Alfredo G., Arôso, Paulo.

## O ultimo trimestre

E' um tempo precioso para o estudo. Ninguem o deve malbaratar. Talvez que, com decidida applicação, muitos possam vingar anteriores descuidos e salvar o anno. E' estudar agora com alma. Bem pago é depois esse pequeno sacrificio, pelo exito colhido nos exames.

## Cathecismos



**(O)** CATHECISMO é o código synthetico da Lei de Deus, é o compendio da educação religiosa. E' livro que deve apparecer em toda a parte: no lar, na escola sertaneja, nos collegios, na mão de quem quer que seja, que exerça o sublime e dignificante sacerdocio de inculcar os principios salutaes da Fé.

Pois bem: esse livro que devia estar em toda a parte como Deus, cuja palavra é; esse livro eterno, livro de todos, de pobres e de ricos, de grandes e de pequenos, de sabios e de ignorantes, esse livro de benção, summa da theogonia mais philosophica e mais altivola, da moral mais idealmente pura, esse livro não existe entre nós!

Perdão, eu não avanço um paradoxo: affirmo uma verdade nua, uma verdade lacrimanda!

Explico-me.

Abusões de cathecismos, quasi parodia a esse livro, transumpto da Igreja, isso ha em barda, ha de mais, ha d'elles um horror! Nascem ás rebati-

nhas, jorra n de todos os prélos, inundam o mercado, inçam, como praga, os recantos do paiz, revestindo para engodo, para especulação, fórmias varias, arrebiques multiplos. Pois, dessa alluvião, não se salvam, parece-me, dois cathecismos que sejam o que devem ser!

Porque?

Porque tal livro que é um codigo da Fé e o resumo da Lei, é de factura muito difficil, muito ardua.

Não póde nem deve ser serzido por qualquer grudador de trapos alheios; ha de vêr vasado num só molde, por artista consciencioso. E' livro que pede a flamma do genio e o fanal da sciencia alliançados com o ardor da piedade, porque é manual para todas as classes e n'elle se consubstancia a religião, unica divina. Ora, quasi tudo o que por ahi vemos circular é saído do ventre sempre fecundo da vesga impericia. E' arteirice não é arte. E' petulancia não é sciencia. E', ás vezes, ganancia não é zelo!

Exagéro? Não.

Quasi todos esses pseudo-cathecismos enfermam de táras que nos envergonham, enfeixam pulverolentos anachronismos que estão a aguar de inveja algum recesso de museu; ousam tão excelsos barbarismos de linguagem, que desafiam o pasmo; têm, donde aonde, necedades e, quiçá, heresias que pedem como unica sancção o brasume rubro d'uma fogueira!

Quem se der a esmerilhar o rico filão, encontra tambem impagaveis paginas de ternuras tão alambicadas e tão pueris e tão idiotas, que nos causam

pejo, arrefecem a piedade ou desatam a gargalhada!

Não receio mesmo accusar de esconso, e antiquado e defeituoso a não mais, parte do formulario. Bem sei que a Doutrina, expressão da grande Verdade eterna, tem um fundo statico invariavel, sempre o mesmo. Mas uma coisa é a Doutrina, a Verdade indefectivel e immutavel como Deus, outra, bem diversa é a fórma que a enroupa, a palavra que a fixa e a transmite. Muito divergentes em seus cambiantes são tambem as phases das civilisações e os costumes que essa Doutrina tem de infiltrar e inspirar. Não ha quem conteste o evolucionar das linguas vivas e a revolução dos costumes. A mutação é o realce da vida.

Portanto modalise-se e actualise-se tambem, na orbita cautelosa do justo, a fórma do catecismo, o enroupamento d'essas eternas verdades luminosas, para que não fiquem para sempre stractificadas, na imperfeita redacção medieval que, aqui e além, acêna ao riso e á mofa.

E' util não esquecer que o riso como arma de combate, é superior á philosophia mais cavillosa e á lei mais draconiana. Antes o Kulturkampf do que a Incyclopedia. Antes Bismark do que Voltaire.

Accodem-me em turba, á lança da penna, os exemplos justificativos do que levo affirmado. Não lhes tóco hoje. Em paz fiquem, pois não sei que receioso enleio me embarga.

E demais não me cabe a mim tomar da joeira e crivar. Outros, do alto solio de sua auctoridade

o farão, como lhes cumpre, pois, vigias da Cidade de Deus, elles são.

Vae inquinado o arroio onde se refrigeram os crentes. Filtrem-no.

Cresceu a cravagem na arvore do Christianismo. Limpem-na.

E, se têm um bom azorrague de esparto duro, refuguem os especuladores.

Ila ahí dealbados impostores, que por cathecismos de Deus, nos impingem ridiculas bufarinhas!

Onde será que hoje a iniquidade não medra?!

*Bruno d' Almeida.*



## Benedetta

Já esqueceste ao mundo! Ao mundo que importavas ?!...  
Não te olvidamos nós, a ti que nos amavas.  
Foi ainda mais que amor. Chamavas-nos teus filhos!...  
Não houve em alma nobre, affecto com mais brilhos.  
Da nossa via á beira, se uma flôr brotava,  
teu coração batia e o teu olhar brilhava.  
Vezes quantas sorriste, em vez de te indignares,  
e sorveste no riso, o travo dos pezares!  
E quantas mais tambem, voaste com um grito,  
por nos furtar ás penas de infantil delicto!...  
Tu nos acalentaste os somnos bem dormidos.  
Tiveste-nos, ufana, ao peito teu cingidos.  
Alta noite, vigiaste ao nosso leito. E, enfermos,  
sorriamos a ti, por junto a nós te vermos.  
Houvemos te comnosco em trances de amargôr.  
Pelos mortos choraste, e por nos vêr em dôr.  
Teu coração nos deste, o riso bom e os ais.  
E se mais tu não deste, é que não tinhas mais!...

Se a doença, hoje em dia, a nossa alcôva assalta,  
sentimo-nos mais sós, sentimos tua falta.  
Do infortunio o rigôr, se em treguas eu diviso,  
entre os nossos procuro, embalde o teu sorriso.  
Tivemos — não vae longe — um dia em lucto e dô.  
Comnosco não te achamos!... Se eras já no pó! ..  
No lance alegre ou triste, o nosso olhar procura,  
no estreito cemiterio, a tua sepultura.  
A memoria nos leva ás scenas d'outra idade,  
e estampa-te o perfil, com tintas da saudade !

Só não jazes, oh, não!... Na leiva que te abriga,  
vela-te o nosso extremo, oh boa e obscura amiga!...

*Mattos Ferreira,*  
*Prior em Cintra.*



## A DÔR



COMO o astro segue a trajetoria, assim a dôr acompanha as pégadas do homem no transcurso espinhoso d'esta vida.

Desde o alvorecer do primeiro dia até ao poente da sepultura, um gemido raras vezes intercalado nos suffoca, um canto plangente se entôa n'um *crescendo* doloroso, uma elegia tremenda se compõe com tintas feitas de sangue.

Com um suspiro abrimos pela vez primeira os labios, e com um suspiro os fechamos para a vida do mysterioso Alem.

Para qualquer parte que a mão da Providencia nos conduza, uma voz secreta e assustadora nos repete constantemente: «Soffre! Soffre!»

Quem dilacera o coração do orphãosinho, vendo-se tão só no mundo, sem os doces carinhos maternos e sem as extremosas bençãos paternas, arrastando penosamente a vida, em busca d'um coração amigo onde extravase parte do fel que lhe vae no amago?! . . . A dôr.

Quem retalha as fibras d'alma d'uma terna Mãe, presentindo que a febre desoladora vem devorar, faminta, o innocente que aconchega ao seio com phrenesi?! . . . A dôr.

Quem acompanha o soldado no campo da batalha, vendo a bandeira da sua patria nas mãos do inimigo e sentindo penetrar-lhe no peito os gritos lancinantes de seus companheiros de campanha?! . . . A dôr.

Quem diz ao nauta corajoso — «Estás perdido!» — quando a borrasca se enfurece no alto mar, quando Neptuno raivoso levanta as ondas em comoros em volta do navio desmastreado?! . . . A dôr.

Percorra-se a gamma do sentimento, que em cada nota escutaremos um ai. Compulsem-se as paginas da Historia, que em cada lettra encontraremos uma lagrima. Esquadrinhe-se o evoluer das raças, o progredir das nacionalidades, o anceiar e o caminhar sempre constantes do individuo, e vêr-se-ha que uns sobem ao pinaculo das grandezas á custa do sangue dos outros, e que os que hontem eram coroados no Capitolio são hoje d'spenhados da Rocha Tarpeia.

No antigo Egypto construíram-se pyramides collossaes que maravilharam o mundo, e mausoleus gigantescos que o assombraram; na Assyria e Babilonia delinearão-se bellezas architectonicas, cuja magnificencia produziu deslumbramentos; na Roma imperial . . . fallem por mim as sumptuosas thermas, o celebre Coliseu que no proprio nome apresenta a ideia de grandeza, o famoso Pantheon

que Agrippa edificou e que ainda hoje diz aos homens: «Roma não é creança!»

Mas . . . que mar de lagrimas não cimentou todas essas edificações! Construíram-se, é verdade, monumentos grandiosos, soberbos, unicos; porém, essa construcção foi feita ao som aviltante do azor-rague do senhor, opprimindo o escravo.

A vida é um mar de lagrimas!

A vida é uma dôr immensa!

Que o digam, nos tempos idos, os martyres do captiveiro de Babylonia; que o diga, em seculo pouco distante, a nossa querida Lusitania, acorrentada á grilheta pesada do leão de Castella!

Falle a nobilissima Grecia, foco inspirado das artes e das letras, que nos legou um nome para consagrarmos a sublimidade plastica — hellenismo — e outro para expressarmos por antonomasia a graciosidade d'estylo — atticismo —; diga-nos ella as suas lagrimas quando subjugada pelas aguias romanas, e falle a historia da gente lusa, salpicada por laivos de sangue nos plainos de Alkacer-Kibir!

Reanime-se, na Inglaterra, a sombra do portentoso dramaturgo Shakspeare, sujeito ás maiores degradações, e a do inspirado Milton, privado da luz dos olhos! Erga-se do tumulo, na Italia, o donoso, o scintillante, o vivido e incomparavel Tasso, entornando em estrophes dolentes as amarguras que lhe requieimavam o escritorio da alma, e venha da sombra dos cyprestes francezes o mais colorido pintor da natureza — Chateaubriand —, dizer-nos quanto soffreu expatriado em Londres, vivendo na maxima pobreza!

Escutemos, no nosso Portugal, a voz maviosa de Fr. Luiz de Souza, que trocou o bulicio do mundo pelo silencio dos claustros, indo esconder na estamemha a dôr que lhe causou a morte de sua filha querida, e ouçamos o immortal Camões — o vidente de Macau, o bardo sublime da epopêa patria —, morrendo em pobre e ignorada enxerga, a entoar o *De profundis* do nosso torrão natal: — «Patria, ao menos, juntos morremos!»

Soffreu Adão depois de prevaricar, quando se viu na sua nudez; e, desde esse homem até nós, o mar das lagrimas parece engrossar tumidamente, ameaçando submergir-nos. . .

O que é a felicidade, na terra, senão uma palavra vã, com phosphorescencias enganosas? . . .

Se bafeja e dá privilegios ao berço d'este ou d'aquelle, não tarda a fugir-lhe com um riso sarcastico, depois de sobre elle espargir borrifos de negro sangue.

Procurae-a na mansarda do pobre, que não divisareis sequer rastos da sua passagem. Vereis creancinhas enfesadas, como flores que o gelo tisonou, pedindo pão a sua Mãe, que não lhes póde dar senão lagrimas e beijos.

Procurae-a nas habitações onde reina a mediocridade, e notareis que a aspiração para vãos mais altos lhe tolhe os passos, chamando-lhe fraca.

Buscae-a ainda no palacio dos poderosos, e convencer-vos-heis de que a felicidade terrena, a que todos prestam culto, é uma estatua mentirosa, com pedestal feito de fragil barro.

Nem Cesar que immortalisou seu nome com os

botes da sua espada e com os lampejos da sua penna; nem Cicero que assombrou o mundo com as fulgurancias estonteantes da sua palavra; nem Socrates, que incutiu no coração da mocidade sublimes principios de moral. . . poderam ser cobertos de flores, que em suas petalas não envolvessem a aspide venenosa.

Cesar morreu ás mãos sangrentas de Bruto; Cicero foi degolado, depois de penar horrivelmente na proscricção da Cilicia e Socrates afogou na taça de cicuta a dôr que o apunhalava! . . .

E sendo isto assim, tendo o homem sempre em perspectiva o tremendo cosmorama do soffrimento, que seria d'elle se uma aspiração a outra vida melhor lhe não incutisse seiva glutinosa no coração desfiado?!

Ai do que fosse beber ao Nirvana de Budha a agua lethal do renunciamento a tudo que é sobrenatural!

Ai do que fosse pedir a Schopenhauer o philtro do esquecimento!

Ai do que buscasse nas estultas theorias do *não-ser* o remedio para a sua dôr!

Para esse a vida seria um Asphaltite e a morte um anniquilamento. Para nós, os catholicos, que temos no coração vivas anciedades por um mundo melhor, e que pela imaginação penetramos no ceu, que nos sorri da vertente de lá do nosso Golgotha . . . embora a vida seja um mar de lagrimas, aportamos na morte á praia da bemaventurança.

## Canção do mez de Maria

VOZ

Em Maio florido  
correi adorar  
o Lirio escolhido  
que está no altar.

POVO

Ave, Ave, Ave Maria (*bis*)

Cantae noite e dia  
seu sancto louvor.  
Maria ! Maria !  
meu unico amor.

Povo — Etc.

Estrellas d'altura,  
seu Nome narrae.  
Aves da espessura,  
seus hymnos cantae.

Povo — Etc.

Florinhas da serra  
seu Nome aprendei.  
Vós, justos da terra,  
seus cantos erguei

Povo — Etc.

Fugindo ditoso  
mundano escareceu,  
irei venturoso  
louvar-vos no Céu.

Povo — Etc.

*D. F.*

Glorioso espirito!



NOBRE cidade de Guimarães é muito ufana de suas glorias.

Justissima ufania!

Ella conta em seu ambito grandezas que muito brazonam um burgo antigo.

Contem-nas e admirem-nas!

Na industria e no commercio, todos ahi a vemos laboriosa e honradissima, hoje como sempre, desentranhando-se em galhardos exemplos de energia ousada.

Na Historia, é demais sabido, resôa seu nome desde o diluculo da Monarchia. Nas lutas surgidas, sempre, em quantos lances teve, se aprimorou em lealdade, cavalheirismo e devoção civica. Narram-se de seus filhos heroismos de viva fulgurancia.

Em monumentos e em bellezas naturaes é principescamenta dotada. Outras que se lhe avantajam em periphéria e população (facil grandeza!) ficam muito áquem da rica Guimarães, em legitimas prendas de arte e em prodigalidades naturaes.

Nas letras (quem o ignora?) deu Guimarães, para o escriptorio magnifico dos talentos patrios, um tributo copioso. As pennas illustres dos vimaranenses foram, em muitas eras, felizes emulas dos brilhos que enalteceram suas espadas.

Hoje, não vae desmentida essa gloria, nem quebrada essa tradição.

Uma auspiciosa pleiade de illustres cultores das sciencias e das letras mantem pura a velha fidalguia intellectual de Guimarães. N'esse respeitavel cortejo de illustrações avulta o nome engrandecido do dr. Martins Sarmiento. Avulta immensamente a personalidade scientifica do eminente investigador, do insignissimo benemerito!

Todo o Guimarães, n'um impeto effusivo de integral justiça o eleva no altar de seu coração e se inclina ante seu evidenciado talento, fecundo, largamente erudito e sapiente.

Eu, o ultimo na turba innumera dos que o admiram, faço outro tanto: inclino-me com respeito e veneração ante o Sabio Vimaranesense. (1)

Collegio de S. Damaso, 3 — 3 — 98.

*Padre Antonio Hermano.*

---

(1) Publicado no *Progresso*, em o n.º de 9 de março, dedicado ao ex.<sup>mo</sup> snr. dr. Martins Sarmiento.



## Lêtras



Trechos selectos do P.<sup>e</sup> Antonio Vieira (1).

Um collar de finas perolas orientaes engranzadas por mão d'artista.

Caiu do ceu sobre a minha curiosidade que ha muito sentia pruidos de lhe palpar bem a pujança do talento na musculatura da sua obra gigantesca.

A selecção é cuidadosa; apurado gosto presidiu ao joeirar da rica mina classica, esse puro oiro de lei sem a amalgama do gongorismo official, do nosso maior joalheiro literario.

Abre-o um esboço biographico, gentil lavor da penna d'oiro do *nemo*, que com a firmeza de traços e desassombro de criterio que o caracteriza, perfila, em breves mas puras e nitidas linhas, a triplice personalidade de Vieira, como orador, como diplomata e como missionario, cuja projecção de titan entrou pelos seculos dentro até nós, illuminado pelas scintillações d'uma gloria verdadeira.

A popularisação das obras classicas impõe-se como uma necessidade nacional — trasfegar esse sangue rico d'hematina e vigor vivificante ness'outro chlorotico e dessorado, abastardado pelo hybridismo francez que fez da nossa lingua uma algaravia esfarrapada. As edições antigas fechadas a sete chaves pelos agiotas literarios — os bibliomanos — ou sepultadas em pó nas bibliothecas como preciosidades archeologicas, afugentam as melhores boas-vontades, ora pela inacessibilidade do preço, ora pelo aspecto tedioso da impressão, de despedir leitores.

Para contrarestar a tão imminente invasão de barbarismos e archaismos, só a diffusão das obras do P.<sup>e</sup> Vieira — o nosso maximo escriptor como artifice, sabio e artista, em quem se reuniam numa synthese admiravel, a finura dos conceitos, a firmeza da memoria, a penetração da intelligencia, a subtiliza d'argumentação e a robustez correcta do estylo.

Mais que estatua e monumento vale esta evangelisação dos seus escriptos.

---

(1) Retardado por falta d'espaco.

**Geneveva Montanha** por Caiël — Narrativa singela vertida em moldes epistolographicos d'uma delicada factura e fina concepção. A trama do enredo desartificiosa, sem relêves mirabolantes que armem ao effeito, e tecida de adoravel simplicidade. A heroína central, a que se poderá pôr a pecha de *romantica* com laivos d'inverosimilhança, dá margem a subteis confidencias d'alma e artisticos tons da vida campestre que só um espirito feminino pôde descobrir.

O desfecho dramatico do idyllio bucolico contrasta com os episodios secundarios, vivos de perspicaz observação bem orientada, analysando ridiculos urbanos ou ingenuidades ruraes. A carta da irmã Soledade é uma perola de sentimento.

O estylo aprimorado, facil e translucido como convêm ao genero epistolar. O estudo dos caracteres irreprehensivel de fidelidade e firmeza de traços.

Tradição prosas como quem borda a matriz, com gentil delicadeza.

**Illusões perdidas** por Alberto Bramão. Carteira de impressões intimas moldadas em poesias homeopathicas. Abre com uma profissão de fé poetica jurando bandeira no altar da Arte, a que se recolhe n'uma religiosidade devota como manancial de conforto.

Segue a esteira luminosa que traçou o nosso sublime lyrico, João de Deus. Mas a singeleza elegante e simplicidade profunda é de tão difficil equilibrio que só a habilidade d'um genio impede de cair na vulgaridade. Compôr versos, como dizia Petrarcha que Laura compunha os cabellos — com tal arte que parecia que os desprezava; ser simples sem ser trivial, espontaneo sem ser desleixado é o *quid divinum* dos genuinos poetas.

Contudo o livro recém-publicado tem poesias d'um mimo fino e subtil, ungidas de doce melancolia e com terno encanto de moiguice — lagrimas crystallisadas em perolas, d'onde espreita auspiciosa a avésita da poesta; tem outras semenos de banaes, sentindo-se aqui e além pulsar uma pontasita de febre pessimista e sceptica; em geral são d'uma miniatura tal que faz lembrar a dosimetria applicada á literatura. Tem sobretudo o merito d'uma ressurreição e progresso sobre o moderno symbolismo exaltado, flamante d'imagens e ôco de ideias, em que hoje em dia coaxam os poetastros novos mutuando-se louvaminhas.

**Brazil mental** por Bruno. Esboço critico de largo folego, que nos patenteia um talento d'ampla envergadura. Reivindica as glorias litterarias de Herculano e G. Junqueiro, que a invejosa critica fluminense puzera pela rua d'anargura. Analysa com uma subtilidade de criterio, agudeza de visão e independencia de juizo rara, toda a obra philosophica de Comte e Littré — patriarchas do positivismo, deslisando n'uma sequencia admiravel de theorias para o monismo allemão.

Expõe as evoluções dos differentes systemas philosophicos, escalpellando-lhes os senões com a finura que lhe dá a sua erudição viva e real e não simples repositório de factos.

Dizem ser um anachoreta vivendo na intimidade das suas ideias

n'uma doce clausura espiritual evitauo os homens para lhes evitar as sympathias que possam ferir de cegueira a fria lógica do seu espirito. Fez o esboço critico com um grito apaixonado e fervido em que transparece uma paixão fanatica pelo seu ideal politico.

O seu estylo d'uma requintada terminologia technica, é nebuloso ; envolve os escriptos n'um veu espesso que exige aturada penetração d'intelligencia ; colorido violento porém fosco, falto de nitidez.

Só por Antonio Nobre. Reedição dos cantares d'um nephelibata *pur sang*. O arrojo titanico das insagens violentas, o desalinho das ideias ridiculas á força de originaes, os harpejos rythmicos e monotonos, estragulados de interjeições afflictivas cheias de pieguice, o tom hypocondriaco, tirante aqui e além a atrabiliario que resalta dos versos n'uma obsessão doentia ; tudo quanto caracteriza a escola dos novos pullula ali que farte. Não me fino de amores por esta exotica phase literaria — genese morbida d'uma exaltação capitosa de melancolia, levada ao requinte — que é mote obrigado de todas as glosas nephelibatas.

A edição é um mimo de bom gosto artistico, o seu conteúdo embora coxeie no bom-senso, revela um talento de poeta.

**Figuras de cêra**, por Simões Dias. Feixe de bellos contos, alvejando o bem moral pela apothecose das virtudes simples e dissecação dos vicios repellentes. Bellas paginas em linguagem castiça de elegante côrte, affeioadas e amoldadas pela extrema malleabilidade e transparencia do estylo, tal qual a da cera, ao cunho de caracteres e quadros sociaes. A pureza de linhas, precizão de tons e a correccção das posições a que se presta a agilidade acrobatica da nossa lingua, caem naturalmente, irreprehensíveis pelo bom tom classico.

Demais, Simões Dias é uma reputação feita ; que o diga o seu largo tirocinio literario.

*Antunes.*



## Chronica do Collegio de S. Dámaso

Os exames! Não tardará muito que elles se requireiram e pena será que alguns tenham de ser excluidos, ou depois reprovados, por motivo de seus insensatos desleixos. Cuide cada um de si, enquanto é tempo.

### Os domingos

São dias de mais importancia educativa do que quaesquer outros. E' para esses dias que no collegio principalmente se reservam as lições de educação religiosa e civil, visto que os outros, os lectivos, mal deixam tempo para as aulas de stricta obrigação escolar. Sendo assim, é com bem justa razão que a Direcção do collegio cede com má vontade ás familias que sollicitam a saída de collegiaes em taes dias. Bem lhes bastava saír nas occasiões de ferias, visto que tão pouco distam entre si.

E notem que os inconvenientes não são só os derivados de tal lacuna na educação: as aulas soffrem tambem e muito mais do que á primeira vista parece. Urge *por termo* ao pernicioso costume.

### Miudezas

O passeio extraordinario realisar-se-á provavelmente em fins de maio.

— Proseguem os trabalhos da urgentissima estrada.

— Consta-me que a Associação de S. Luiz e Santo Antonio organizará a bella instituição, denominada *Pão de Santo Antonio*, com o intuito de educar os jovens socios na practica da caridade.

— Visitou-nos o muito digno abade de Escariz e ex-professor deste collegio o rev. Oliveira. É

escusado dizer que nos foi gratissima tal visita e que muito desejavamos se repetisse a miude.

Ahmedec.

## VARIÉDADES

### A mais formosa...

Não ha creança tão bella  
tão querida e tão galante  
e que assim nos preñla e encante  
como aquella  
que, assomando grave e séria  
como um anjo que consola  
deixa cair uma esmola  
nas lagrimas da miseria.

C. de Figueiredo.

### Vasco da Gama

Vasco da Gama nasceu em Sines, onde seu pae era alcaide-mór, no anno de 1644. Partiu do Tejo, no intuito de descobrir o caminho maritimo para a India, em 8 de junho de 1497.

Em 16 de maio do anno seguinte, avistou as montanhas de Calecut, fundeando tres dias depois em frente das praias de Panderane, onde desembarcou para conferenciar com o Samori. Em 20 de agosto de 1498 largou da costa indiana para Portugal, entrando no porto de Lisboa em 8 ou 9 de setembro de 1499. Em 10 de janeiro de 1502 recebeu o titulo, honras e vencimentos de almirante do mar da India, partindo para ali pela segunda vez em 10 do mez seguinte e regressando ao Tejo em 1 de setembro de 1503. Em 1510, recebeu o titulo de Conde da Vidigueira. Em 1525, foi nomeado governador da India, com o titulo de vice-rei, e para ali partiu pela terceira e ultima vez, vindo a morrer em Cochim.